

Capítulo 1

Benito Barreto e o universo dos Guaianãs

“...há mais poesia e mais coisas de ouvir e de entender no estranho coração dos homens do que na mais grande estrela.”

Benito Barreto/*Mutirão para matar*

1.1 A formação

O escritor Benito Barreto nasceu em 17 de abril de 1929, em Dolores de Guanhanes, interior de Minas Gerais, numa pequena fazenda denominada Fazenda da Guarda, propriedade de uma avó, onde os pais do autor estavam apenas de passagem. De acordo com Benito, em entrevista concedida a Giovanni Ricciardi:

A fazenda pertencia a minha avó, era o único patrimônio duma família de muitos filhos e, pois, meus pais estavam ali por pouco tempo; deviam logo se mudar a fim de que os outros irmãos, cada um por sua vez, desfrutassem o bem comum... (RICCIARDI, 2008, p. 95).

É interessante observar, através da entrevista, como o núcleo familiar e o meio ambiente no início da década de 1930 marcaram sobremaneira a vida e, conseqüentemente, a produção literária de Barreto, no que se refere aos aspectos culturais e sociológicos:

Guardo desse período – primeiros anos da década de 30 – mais na forma, talvez, de medos e aflições vividos ou da impressão de suas imagens, mais isso do que, propriamente, lembranças – qualquer coisa como a memória de homens e armas movimentando-se por minha casa, ou de passagem, com meu pai entre eles vozes, medos, silêncios, gritos e partidas e chegadas noturnas enquanto minha mãe com minha irmã (hoje freira, Irmã Virgínia, a atual Madre Geral da Ordem das Franciscanas Clarissas, sediada em Roma) rezavam. Essa fase, que cobre toda a década, passa, pois, pelas Revoluções de 30/32, pela tentativa comunista em 35, a revolta integralista ou fascista de 38, e vai terminar em 39, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial (...) Não sei precisar o que mais me marcou, nesse período, mas toda a minha obra literária, pelo menos tudo nela, que, no meu entender, se apresenta com alguma força e humanidade, reflete de algum modo o menino que eu fui e a infância que eu tive, naqueles anos, sobretudo o que esse menino viu, sonhou e sofreu (RICCIARDI, 2008, p. 96-97).

Segundo Barreto, o intelectual da família era o pai, mas quem os fez estudar, a ele e à irmã mais velha, foi a mãe, que, convencida da importância dos estudos para o futuro dos filhos, e apesar das dificuldades, os enviou para o Colégio das Freiras (Clarissas) e o Ginásio dos Frades em Conceição do Mato Dentro, em Minas Gerais. Pode-se dizer que o início da produção literária de Barreto se deu na adolescência, como nos conta o autor ao ser perguntado sobre quando nasceu a vocação de escritor:

Quando colegial em Conceição do Mato Dentro, no interior de Minas, eu tinha sido um poeta de verso fácil, que costumava agradar a meus colegas e a gente da cidade. E como os produzia, a esses poemas, de forma quase torrencial, quando cheguei na Capital, Belo Horizonte, pelos 16 anos, já os tinha em quantidade bastante para um livro. E essa idéia começou a trabalhar em mim e a crescer: lançar um livro, ser poeta, as pessoas lerem e declamarem os meus versos, essas coisas... Entretanto, e de repente, o jovem e impetuoso verzejador que vinha da cidadezinha do interior, tomava conhecimento, pela primeira vez, da poesia maior, dos modernistas Bandeira, Drummond, Shimidt e outros. Foi um golpe devastador nas minhas veleidades e pretensões, tão forte e profundo que, não satisfeito com atirar no Rio Arrudas todos os meus versos, abandonei a poesia para todo o sempre. (...) Um dia, porém, tendo chegado aos 30 anos e já depois de ter vivido a paixão que fora para mim a minha militância revolucionária, na ressaca do golpe e amargura que foram, para mim, a denúncia do stalinismo e certas revelações, tive vontade de pôr no papel alguma coisa que eu próprio tinha vivido. Mas só para mim. Como se, não o fazendo, corresse o risco de as esquecer e perder. Foi assim (RICCIARDI, 2008, p. 99-100).

Apesar da pouca idade, o autor, ao conhecer os escritores canônicos da literatura brasileira, faz uma autocrítica rígida sobre seus escritos precoces, e revela a dimensão do seu envolvimento com o Partido Comunista. Ainda muito jovem, na adolescência, abandonou tudo para se entregar ao Partido. Como militante profissional foi para o Nordeste do país, vivia a hipótese da Revolução, acreditando que o socialismo era o único caminho. Após a denúncia do stalinismo e uma viagem a Moscou – antiga União Soviética –, percebeu a falência do socialismo, desencantou-se, o que o impulsionou a registrar a experiência transferindo para seus livros a tumultuada conjuntura política dos anos de 1960, bem como as relações problemáticas e os questionamentos da dinâmica sociopolítica daquele momento.

Atualmente, Benito Barreto reside em Belo Horizonte, onde, além de escritor, é jornalista e responsável por revistas de informações do mercado da construção civil, para engenheiros e empresas construtoras.¹

Plataforma vazia, publicado pela Editora Itatiaia, em 1962, é o romance inicial da tetralogia. Com esta obra, Benito participou do Concurso de Literatura Cidade Belo Horizonte, conquistando o primeiro lugar. Nesta ocasião, o amigo e já conhecido escritor Jorge Amado deu o seguinte depoimento:

¹ Remeto o leitor para a entrevista de Benito Barreto concedida a Giovanni Ricciardi em *Biografia e criação literária*. Entrevista com escritores mineiros. UFOP, 2008. v. 3.

Um livro de estréia deve ser a revelação de um talento de escritor; nada mais é justo esperar de uma primeira tentativa no terreno da arte da literatura. *Plataforma vazia*, de Benito Barreto, cumpre perfeitamente esta função: revela aos leitores brasileiros o romancista de talento e de autêntica vocação que é o moço mineiro com larga experiência de vida nordestina. (...) Poderosa é a capacidade de comunicação de sentimentos revelada pelo autor, o que faz de *Plataforma vazia* um desses livros cuja leitura nos arrasta e nos obriga a participar, com interesse e emoção, das vidas ali levantadas por um homem de real talento e de coração generoso. A carreira desse romancista se inicia sob o signo do sucesso (BARRETO, 1986, orelha técnica).

A exemplo de outros escritores, como Érico Veríssimo e Jorge Amado, Benito também se mostrou insatisfeito com o desfecho de seu romance e resolveu dar continuidade à obra e à trajetória daquelas personagens, desenvolvendo o fio de suas vidas, ou seja, as vicissitudes às quais estavam sujeitas em determinada época, escrevendo assim os outros três volumes.

Em 1968, Benito Barreto publicava o segundo livro, denominado *Capela dos homens*, com o qual angariou mais um prêmio, Walmap-Rio. Este romance, juntamente com *Cafaia*, de 1975, foi traduzido para o russo e publicado na antiga União Soviética, em 1980. Para Antonio Olinto, seu prefaciador,

(...) esta é uma obra social no mais amplo sentido da classificação. Seu mundo de interior é o que existe, o que está aí, e seu estar-aí não se acha preso a esquemas literários ou não. Ao lado de sua mundologia e dentro dela, o autor ergue uma série de análise de que seus personagens saem nítidos, contudo misteriosos, antes de tudo vivos (BARRETO, 1986, p. 7).

Em 1974, lançou *Mutirão para matar*, o terceiro volume. Em 1975, publicou *Cafaia*, último romance da tetralogia, completando a saga dos seus “*Guaianãs*, um povo de mineiros e nordestinos em cuja vida ressoa, no entanto, toda a problemática existencial do homem brasileiro e do homem de qualquer parte deste nosso conturbado fim de século” (BARRETO, 1975, orelha técnica).

Assim como aconteceu em *Plataforma vazia*, neste último, o escritor Jorge Amado também deu seu parecer, com o seguinte comentário:

A importância da obra romanesca de Benito Barreto cresce de livro para livro. Quando ele chega ao quarto romance da saga iniciada com *Plataforma vazia* já nos encontramos diante de um painel de poderosa força, onde a realidade da vida nacional se afirma dramática e cujo herói é o povo.

A presença de Benito Barreto no romance brasileiro contemporâneo é altamente estimulante. Longe de todo e qualquer maneirismo, ele domina seu ofício, é um jovem mestre da nossa ficção (BARRETO, 1975, contracapa).

Em 1978, publicou pela Editora Casa de Minas Ltda. *Vagagem: viagens e memórias sem importância*. Como uma biografia, lemos nesse livro a trajetória de vida do autor, desde a infância até a viagem feita à Europa, principalmente a visita a Moscou, onde pôde conhecer de perto a decadência do socialismo, o que o levou à desilusão com o Partido Comunista.

(...) um registro de viagens e memórias, que recolhe às vezes sob color de ficção, andanças e impressões da vida do autor, ocasionalmente o vago vulto de pessoas e das coisas que o marcaram. (...) Dir-se-ia que aqui o romancista é personagem de si mesmo: o que conta, através de uma sucessão de histórias é, com efeito, a aventura de sua própria vida, uma caminhada que começa a bordo de um balaio, na mais remota infância em sua Dores de Guanhães, e que o leva até Moscou e Leningrado, onde acaba por descobrir que perdeu (ou esqueceu, talvez) o endereço de seus próprios deuses (BARRETO, 1978, p. 9).

Em 1993, o escritor publicou, pela mesma editora, *A última barricada*, numa edição artesanal, em cujas páginas convivem a coluna de jornal, a crônica, o conto e o romance. O livro reúne colaborações do autor no jornal *Estado de Minas*, no período de 03/12/89 a 07/08/91. Em 2000, vem a público *Um caso de fidelidade*, um texto recheado de figuras e contradições em que o pastiche como elemento constitutivo das narrativas pós-modernas, aliado ao desencanto existencial da narradora, substituem a grande narrativa épica dos livros anteriores.

Em abril de 2009, Benito Barreto lançou pela Editora Casa de Minas seu mais recente trabalho, *Os idos de maio*, que inicia, segundo o autor, uma trilogia de romances históricos denominados *Saga do caminho novo*, que pretende reconstruir a história da Conjuração Mineira, com todo o seu povo a tomar vida, a se fazer gente, mais que personalidades de empoeirados livros de História.

1.2 A fortuna crítica

No âmbito da literatura produzida no país sobre o contexto dos anos de 1960 e 1970 é comum encontrar os nomes de Assis Brasil, Fernando Gabeira, Antônio Callado, Roberto Drumond, Renato Tapajós, Ignácio de Loyola Brandão e o próprio Benito Barreto, que, de certa forma, fizeram parte de um projeto de resistência contra a instauração do regime ditatorial-militar na década de 1960, apostando na arte como porta voz dos que não tiveram voz, ou dos que foram silenciados pelos desmandos de um poder tirânico. Entretanto, Benito Barreto, assim como a obra aqui estudada, continua pouco conhecido do público em geral. Os estudos críticos dos romances também são escassos, se considerarmos a grandiosidade e a dimensão dos temas aí apresentados, sua contribuição para este importante período da História nacional.

Dentre os trabalhos existentes acerca da tetralogia, destaco os de José Hildebrando Dacanal, que analisou *Os guaianãs* em dois de seus livros: *A literatura brasileira no século XX*, de 1984; e *Nova Narrativa épica no Brasil. Grande sertão: veredas, O coronel e o lobisomem, Sargento Getúlio, Os guaianãs*, de 1988. Através deles é possível perceber o entusiasmo com que o crítico teceu suas análises, pois, no estudo que efetuou, registrou:

A saga monumental de *Os guaianãs*, cuja grandiosidade épica a coloca, se não acima, pelo menos no mesmo nível que *O tempo e o vento* e *Grande sertão: veredas* e faz dela uma das obras definitivas e culminantes de toda a ficção brasileira, oferece um sem-número de ângulos e temas a partir dos quais pode ser analisada (DACANAL, 1988, p. 102).

Dacanal destaca como característica importante nos romances a diversidade de temas que servem de exemplo de vários processos históricos presentes na formação da identidade nacional. Para ele, o segundo volume seria o mais crítico de todos, e o define como:

o caldeirão fervente em que se misturam o arcaico e o moderno, a costa e o sertão, deles nascendo um país em caminho para o futuro. Politicamente em crise, culturalmente caótico e socialmente injusto, mas já unificado, homogêneo, e pelo menos potencialmente, autônomo. Neste sentido, a obra monumental de Benito Barreto

resume e encerra o ciclo da *nova narrativa épica* no Brasil e o faz, eticamente e politicamente, com uma mensagem de esperança num possível amanhã de justiça e dignidade para os pobres e humilhados (DACANAL, 1988, p. 107).

Na esteira de Dacanal encontramos outros registros acerca desse livro, que merecem ser destacados:

...o escritor mineiro amassou em seus dois romances, *Plataforma vazia* e *Capela dos homens*, um chão de muita experiência vivida, um denso conhecimento de coisas e almas... Esse povo que se movimenta no livro premiado pelo Walmap é uma conquista árdua, e por vezes dura, é a própria realidade desse verdadeiro, desse indiscutível romancista, Benito Barreto.

Jorge Amado

A obra é, sem dúvida, uma grande conquista da literatura mineira.

Mário Palmério

Capela dos homens movimenta cerca de 40 personagens, todos com igual força; com base em qualquer deles pode-se fazer um filme.

Ziraldo

Benito Barreto dá vida à sua gente e escreve sob a égide de uma visão, usando, para isso, de instrumentos diretos numa técnica narrativa de extremo aguçamento. Sua população e seu espaço, seus personagens e seus lugares estão aí, e vão além, sua mundologia é própria e, contudo, vem de outra; é ficção e, contudo, diz uma verdade, numa dimensão alegórica e ao mesmo tempo real, que brota de uma velha tradição do romance: a de repetir o que está aí, sendo diferente; a de recriar-nos fora de nós, sendo um prolongamento nosso.

Antonio Olinto

No caso de Benito Barreto o que interessa é que ele fez de *Capela dos homens* um romance verdadeiro, uma captação estética perfeita, em que terra e gente se entrosam num dinamismo vivo, na perspectiva do tempo. Espaço, tempo e vida são as coordenadas do romance. Todas as três estão presentes neste volume, que acrescenta um pouco de força e expressão à nossa literatura.

Herculano Pires

(BARRETO, 1986, orelhas técnicas)

Outro trabalho acerca de *Os guaianãs* é o de João Hernesto Weber, *Caminhos do romance brasileiro: de A moreninha a Os guaianãs* (WEBER, 1990). Em sua abordagem, ele destaca enfaticamente o embaralhamento feito por Barreto entre o enredo da obra como um todo e as vicissitudes da História do Brasil, desde o início do

século XX até as décadas de 1960 e 1970. Para este crítico, a obra se torna original porque Benito conseguiu fazer uma interpretação dos elementos nacionais e da nação, relacionando-os com os acontecimentos referentes à esfera internacional. Seu estudo se aproxima muito do realizado por José Hildebrando, no sentido de ver a obra como uma representação da História brasileira.

Também Malcolm Silverman comentou a tetralogia e, em *Protesto e o novo romance brasileiro* (2000), o crítico norte-americano caracteriza os livros como representantes de uma corrente regionalista histórica à contemporânea literatura nacional. Na oportunidade, Silverman os classifica de romances engajados; no entanto, ao se prender nesta classificação, vários outros elementos deixaram de ser observados.

Vale ressaltar ainda que esses estudos e análises específicas da obra de Benito foram efetuados somente após 1986, coincidentemente, o ano de sua reedição. De acordo com Tânia Pellegrini, no livro *Gavetas vazias* (1996), o final da década de 1980 foi uma época em que a crítica estava empenhada em situar as décadas anteriores, com o intuito de atribuir uma identidade para um período considerado carente culturalmente.

No decorrer desta pesquisa localizamos ainda um trabalho acadêmico, a tese de doutorado em Literatura Comparada – *Imagens e histórias do Brasil: Ser(tão) Guaianãs* – de Maria José Angeli de Paula, em que ela faz uma leitura da obra analisando-a pelos discursos históricos com outras narrativas literárias contemporâneas. (Foi defendida em 2003 na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis.) Além da tese, escreveu também dois artigos. Um deles foi apresentado no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, em Coimbra-Portugal, e o outro, no IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, no mesmo país. Se comparado com a grandiosidade do tema tratado nos romances, pode-se dizer que sua fortuna crítica é reduzida, principalmente no período em que apareceram as primeiras publicações, pois limitou-se a artigos e resenhas publicados em periódicos, suplementos literários e algumas participações de pessoas amigas em capas e contracapas dos livros.

A seguir, deteremo-nos em cada um dos romances com um resumo e uma pequena crítica.